

Espaços e movimentos do currículo: entre o escolar/não escolar e o escolarizado/não escolarizado

Inauã Weirich Ribeiro, Afonso Wenneker Roveda, Angélica Vier Munhoz, Cristiano Bedin da Costa, Elisete
Maria de Freitas, Ieda Maria Giongo, Maria Isabel Lopes, Mariane Inês Ohlweiler, Morgana Domênica Hattge e
Suzana Feldens Schwertner

iwribeiro@universo.univates.br; afensoroveda@hotmail.com; angelicavmunhoz@gmail.com; seuchico@yahoo.com.br;
elicauf@univates.br; igiongo@univates.br; milopes@exportpedras.com.br; mariane_ohl@yahoo.com.br;
morganahdomenica@yahoo.com.br; suzifs@univates.br

Resumo

Este ensaio aborda alguns questionamentos provenientes de uma investigação que, em sua fase inicial, pretende investigar as especificidades curriculares em espaços escolares e não escolares e suas relações e cruzamentos com os movimentos escolarizados e não escolarizados. Ao perguntar pelas imagens curriculares instituídas em tais espaços, problematizam-se suas condições de possibilidade de existência, apontando para os marcadores sociais, éticos, políticos e econômicos que operam em sua constituição. Com esse objetivo, aproximamo-nos dos estudos de Michel Foucault e da genealogia como metodologia de pesquisa. Buscam-se, então, estratégias metodológicas, como análise de documentos, observações, entrevistas e registros de diários de bordo, a fim de situar os saberes sobre currículo em espaços escolares e não escolares em um campo de luta, ou seja, em termos de estratégias e táticas de poder. Os resultados advindos da investigação podem ser produtivos para levar a novas buscas e a mudanças de rota, não se limitando ao imediatamente localizado. O escrutínio dos materiais de pesquisa possibilitará visibilizar os jogos de poder que acabam por legitimar determinadas práticas curriculares, tais quais aquelas instituídas na modernidade.

Palavras chave: currículo, espaços escolarizados, espaços não-escolarizados, genealogia.

1. Contexto do relato

Este relato aborda alguns questionamentos provenientes do projeto de pesquisa *O currículo em espaços escolarizados e não escolarizados no Brasil e na Colômbia: diferentes relações com o aprender e o ensinar*, vinculado ao Mestrado em Ensino do Centro Universitário UNIVATES/RS, que em sua fase inicial, pretende investigar as especificidades curriculares em espaços escolares e não escolares e suas relações e cruzamentos com os movimentos escolarizados e não escolarizados. Tal estudo articula-se ao pensamento pós-nietzsiano da diferença, tal como é proposto por autores como Gilles Deleuze, Michel Foucault e Roland Barthes.

2. Detalhamento das atividades

Com o objetivo de investigar os movimentos escolarizados e não escolarizados em espaços escolares e não escolares, busca-se compreender o currículo em seus atravessamentos com os jogos de poder e as suas implicações com o saber, problematizando os modos como, em seus movimentos, os espaços são engendrados e ocupados. Dessa forma, a metodologia empregada na investigação é a Genealogia, tomando-se como referência os estudos de Michel Foucault. As diferentes estratégias metodológicas compreendem observações registradas em diários de campo, entrevistas semi-estruturadas, análise de documentos, grupo focal, que são definidos de acordo com os caminhos trilhados no decorrer da pesquisa e os questionamentos que vão se produzindo durante o estudo. O campo empírico da pesquisa é constituído por dois espaços escolares e dois não escolares. Um dos espaços escolares é uma escola em Bogotá/Colômbia, na qual já existe um convênio com o curso de Pedagogia da UNIVATES. Além disso, busca-se integrar tal espaço na pesquisa porque, nessa escola, se institui um currículo inovador que procura romper com a lógica linear imposta pelas disciplinas. O segundo espaço escolar é uma escola pública situada na cidade de Lajeado/RS, na qual também o curso de Pedagogia da UNIVATES estabelece parcerias através da realização de estágios curriculares. Os dois espaços não escolares constituem-se em uma ONG, situada em um bairro periférico da cidade de Lajeado, e um museu de Artes, localizado em Porto Alegre.

3. Análise e discussão do relato

Se é verdade que os conceitos de escolar e não escolar comumente misturam-se com os conceitos de escolarizado e não escolarizado, como se essas relações estivessem diretamente relacionadas com o local onde ocorre o processo educacional, sabe-se que tais delimitações não são precisas. Outros determinantes, além do espaço físico, devem ser considerados, tais como as relações, movimentos e disciplinamentos em cada espaço educativo.

Assim, fala-se de espaços escolares de educação como espaços escolarizados, ou seja, como aqueles vinculados a um processo de controle do tempo e do espaço em que os saberes e práticas de ensino e aprendizagem são efetuados, com fins determinados. Já os espaços não escolares, além de poderem constituir outras geografias, tais como uma praça, um centro comercial, uma empresa, centros de pesquisa, reservas naturais, museus, feiras, parques, entre outros ambientes urbanos, rurais e naturais, também buscam escapar dos processos escolarizantes da instituição escolar, possibilitando a diversificação de experiências que se dão de forma transversal.

Nesse sentido, ao perguntar pelos modos através dos quais se constitui o currículo em determinados espaços escolares e não escolares, questionando-se sobre suas semelhanças, diferenças e rupturas, busca-se investigar as condições de possibilidade dos referidos espaços, assim como dos marcadores sociais, políticos e econômicos que operam em sua constituição. Entendendo que as verdades de um currículo não preexistem a ele, e que sua existência só faz sentido em uma determinada relação de poder (que ele encena, movimenta, encarna), a pesquisa se articula ao pensamento do currículo enquanto imposição de sentidos, de valores, de modos de subjetivação particulares.

Propõe-se, então, um estranhamento do currículo, entendido como forma de governamento, de regulação dos sujeitos e coisas, como programa com função educativa, pois tomado nesse sentido, o currículo conecta-se a um movimento escolarizado ou escolarizante, delimitando fronteiras.

Desse modo, ao tomar o escolarizado e o não escolarizado como noções a serem estudadas, entende-se que o currículo deve ser pensado em razão das posturas e das relações que engendra, ou seja, pelo modo como, em seus movimentos, o espaço é ocupado. A simples distinção entre escolar e não escolar não parece ser suficiente para garantir tal problematização, uma vez que carrega consigo a pressuposição de que o escolar, com as normas que o governam, não traz consigo as forças necessárias a possíveis transmutações – e, por via inversa, a crença de que quaisquer esforços práticos de questionamento aos modelos escolares instituídos garantiriam a obtenção de um espaço livre de regulações. Nesse ponto, faz-se necessário lembrar a distinção feita por Deleuze e Guattari (1997), na esteira do compositor Pierre Boulez, entre aquilo que denominam espaço liso e espaço estriado:

O liso e o estriado se distinguem em primeiro lugar pela relação inversa do ponto e da linha (a linha entre dois pontos, no caso do estriado, o ponto entre duas linhas no caso do liso). Em segundo lugar, pela natureza da linha (liso-direcional, intervalos abertos; estriado-dimensional, intervalos fechados). Há, enfim, uma terceira diferença que concerne à superfície ou ao espaço. No espaço estriado, fecha-se uma superfície, a ser ‘repartida’ segundo intervalos determinados, conforme cortes assinalados; no liso, ‘distribui-se’ num espaço aberto, conforme frequências e ao longo dos percursos (*logos e nomos*)” (p.187-188).

Tal oposição, no entanto, não é situada de maneira simples. Se é verdade que o espaço liso se configura pelos movimentos, subordinando toda formação pontual à força e às determinações de seu trajeto, também é fato que ele “não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado”, sendo o último “constantemente revertido, devolvido a um espaço liso” (p.180). De certo modo, ambos se fazem possíveis graças às misturas entre si, e toda a variação, todo o desenvolvimento contínuo das formas diz respeito à determinada maneira de se ocupar o espaço: habitá-lo de modo incerto, de maneira puramente direcional, irregular e não determinada; ou então, ao contrário, defini-lo por um corte dimensional, estratificando-o em padrões capazes de subordinar a totalidade dos movimentos que nele são produzidos. Em meio a experimentações nômades e formações sedentárias, interessa pensar as passagens e as combinações, as alternâncias e sobreposições entre as operações de alisamento e estriagem, ou seja, de que modo a organização dos saberes, das práticas, da vida, pode entrar em um movimento contínuo de desprendimento de valores, medidas e propriedades, ao mesmo tempo em que as linhas de fuga, os movimentos criadores, não cessam de ser rebatidos e remanejados por uma maquinaria normativa.

O currículo, enquanto movimento escolarizado, fixa-se a um espaço estriado que captura e hierarquiza saberes e relações. Contudo, quando o currículo é tomado por linhas, atalhos, fluxos, abre-se um leque de

possibilidades que modifica os limites, os contornos, a lógica escolarizante. Tal lógica pode estar presente nos espaços escolares e não escolares, pois o que a define não é a configuração do espaço, mas a rota dos seus movimentos. Fora dessa lógica, os espaços podem se tornar mutantes, nômades, visto que se priorizam os processos, os atravessamentos, os cruzamentos.

... o que distingue as viagens não é a qualidade objetiva dos lugares, nem a quantidade mensurável do movimento – nem algo que estaria unicamente no espírito – mas o modo de espacialização, a maneira de estar no espaço, de ser no espaço. Viajar de modo liso ou estriado, assim como pensar... Mas sempre as passagens de um a outro, as transformações de um no outro, as reviravoltas (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 190).

Os movimentos, as passagens e as trocas de saberes em currículos não escolarizados, escolares ou não, podem configurar-se através de aprenderes desvinculados de resultados, de significações reduzidas por ações pedagógicas. Em tal perspectiva, a proposta de um currículo não escolarizado é também um esforço de oposição e de luta contra a coerção de discursos teóricos, unitários, formais e discursivos, através do reconhecimento de saberes locais, menores, ativados “contra a hierarquização científica do conhecimento e seus efeitos intrínsecos de poder” (FOUCAULT, 2004, p.172).

Misturar esses espaços - escolares e não escolares - e os movimentos escolarizados e não escolarizados, tem por finalidade buscarmos entender de que modo o currículo pode se compor e se cruzar com novas práticas, tecidas por outras relações de saber e por novas experimentações.

4. Considerações finais

A pesquisa, ainda em fase inicial, busca desenvolver diversos olhares sobre o currículo escolar enquanto território coletivo e político que interage com forças diferenciadas, dispositivos disciplinares e possibilidades de experimentação. Acredita-se que os resultados advindos da investigação, poderão contribuir no sentido de compreender e problematizar o currículo enquanto movimento que atravessa os espaços escolares e não escolares, além de servir de orientação para problematizar o modelo curricular disciplinar e escolarizante que nasce na Modernidade e continua engendrando e ocupando os espaços educativos na contemporaneidade. Sendo assim, os depoimentos de professores e alunos, bem como, as observações, registros em diários de campo e análise de documentos possibilitarão além de visibilizar os jogos de poder que legitimam práticas curriculares, subsidiar a construção e a vivência de outras experiências educacionais em espaços escolares e não escolares.

Referências

CORAZZA, Sandra. **O que quer um currículo?** Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. **Composições.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CORRÊA, Guilherme. **Oficina:** novos territórios em educação. In: PEY, Maria Oly. *Pedagogia Libertária: experiências hoje*. Rio de Janeiro: Imaginário, 2000.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Trad. Peter Pál pelbart e Janice Caiafa. Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Tradução: Roberto Machado. 10^a ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

_____. **Nietzsche.** A genealogia e a história. In: Manuel Barros da Motta (org.) *Ditos e escritos, vol.II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 260 -281.

_____. **A Arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

_____. **Qu'est- ce que les Lumières?** In: FOUCAULT, M. *Ditos e escritos IV*. Paris: Gallimard, 2006, p. 562 – 578.